

A questão do Exílio e da Imigração em “América”, de Franz Kafka¹

Antonio de Pádua Bosi²

Resumo: Este artigo aborda a obra “América”, de Franz Kafka, a partir das questões do exílio e do mundo do trabalho. Escrita em 1910, dividindo atenção do escritor com “A Metamorfose”, “América”, talvez seu livro menos conhecido, saiu a público em 1927 e é considerado o mais esperançoso de todos seus trabalhos publicados. Contudo, a existência do imigrante não é mitigada, nem poupada de algumas de suas principais preocupações como o conflito com o pai, a solidão, o medo e a degradação humana. O uso dessas chaves de análise serve à estruturação deste artigo à medida que tento explorar a visão de Kafka sobre o trabalho nos Estados Unidos (país que só conheceu por conversas e literatura) e o sentimento do exílio.

Palavras-chave: Exílio; América; O Desconhecido.

The issue of Exile and Immigration in “America”, by Franz Kafka

Abstract: This article addresses the work “America”, by Franz Kafka, based on issues of exile and the world of work. Written in 1910, sharing the writer's attention with “The Metamorphosis”, “América”, perhaps his least known book, was published in 1927 and is considered the most hopeful of all his published works. However, the immigrant's existence is not mitigated, nor spared from some of his main concerns such as conflict with his father, loneliness, fear and human degradation. The use of these analysis keys serves to structure this article as I try to explore Kafka's vision of work in the United States (a country he only knew through conversations and literature) and the feeling of exile.

Keywords: Exile; America; The Unknown.

¹ Este texto é resultado parcial do Projeto de Pesquisa “Trabalho e Imigração: história comparada de trabalhadores imigrantes no Brasil, Estados Unidos e Portugal” coordenado pelo professor Michael Merrill, docente da *Rutgers University* (Universidade do Estado de Nova Jersey).

² Professor de História nos cursos de graduação de História e Psicologia, e no Programa de Pós-graduação em História na Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Bolsista Produtividade em Pesquisa do CNPq. E-mail: antonio_bosi@hotmail.com.

Este artigo discute as questões do exílio e da imigração impressas por Franz Kafka em sua obra “América”, escrita em 1910 e publicada postumamente a sua morte em 1927. Pretendo abordar dois pontos de interesse histórico e psicanalítico: o sentido do exílio e o mundo do trabalho na perspectiva de Kafka, alguém que nunca deixou sua terra natal. O livro conta

A história de um rapaz alemão [Karl Rosmann] que a família manda para a América, porque ele fora seduzido pela empregada. O pretexto é insequente, porém na raiz dele está o desejo de evasão, a fuga para um país distante, do qual já se começava a dizer maravilhas pelas oportunidades de trabalho que oferecia a todos os imigrantes (Guimarães, 1965, p.16).

Merece destaque inicial o fato de ter sido este livro escrito concomitantemente a outro, “A Metamorfose”. Nessa época, o escritor lidava com o problema da autoridade, criticando-a, e mantinha uma relação com o anarquismo. Costas Despiniadis afirma que Kafka lia autores anarquistas, problematizava a burocracia e a lei estimulado, em grande medida, pela legenda, e contribuía financeiramente com anarquistas perseguidos (Despiniadis, 2019, p.116-132). Embora este vínculo seja polêmico (Prochazka, 1978), a principal evidência de que alguns de seus temas estavam ligados ao anarquismo tcheco vem do autor de “O Bravo Soldado Schweik”, Jaroslav Hasek, escrito entre 1921-1923 (Hasek, 1967).

O reflexo estético desse tênue engajamento pode ser percebido em “A Metamorfose” e na continuada degradação física e mental de Gregor Sansa na condição de único trabalhador e arrimo de sua família extensa. Encontramos lá reunidas preocupações tipicamente kafkianas como a autoridade, a alienação, a dor e a solidão, traços que se farão característicos também em “América”.

A narrativa percorrida por Sansa, um caixeiro viajante transformado aleatoriamente em inseto gigante, mostra a “naturalidade” com que encara sua alomorfia e mantém sua rotina com a família e o trabalho. Sua preocupação é não se atrasar para o trabalho, nem perder o emprego. Ser um inseto não o incomoda, embora progressivamente o impeça de sair de casa e trabalhar. Sendo arrimo da família, sua improdutividade obriga os familiares ao trabalho. Nessa nova situação Gregor é confinado ao quarto, escondido de inquilinos que se mudam para a casa e dão um fôlego financeiro a família. O final trágico em que Gregor é morto por inanição, nos faz pensar, com

poucas alternativas para interpretação, que a metamorfose é um caminho sem volta para o medo, o bestial, a solidão, o desumano, a degradação causada pelo trabalho. Um homem que se transforma em inseto, que perde a condição humana, que se vê obrigado a se enjaular no próprio quarto porque se torna incapaz e cheio de vergonha (Kafka, 2016).

Como disse, Kafka escreveu “A Metamorfose” ao mesmo tempo em que trabalhou sobre “América”. Ambos os manuscritos foram elaborados insulado no mesmo quarto, onde ruminava as angústias suas e da família, e onde criava seus personagens. O primeiro capítulo, “O fogaista”, saiu publicado em 1913, enquanto o livro, editado por Max Brod, veio ao público depois da morte de Kafka. Além do mais popular dilema kafkiano envolvendo seu conflito com o pai, “América” sustenta a crítica feita em “A Metamorfose” ao mundo do trabalho, ou à degradação física e mental de trabalhadores, particularmente o sofrimento decorrente do exercício da autoridade de chefetes (tema igualmente explorado em “O Processo”, manuscrito inacabado redigido antes de “América”) e o desgaste ou inexistência da solidariedade entre operários (talvez uma crença que impedia o enlace profundo de Kafka ao Anarquismo Tcheco).

Cruzar o Atlântico para escapar, sob o peso moral de ter engravidado uma criada que servia a família, de embaraço gravíssimo tornou Karl Rosmann, com 15 anos de idade, um exilado em vias de se proletarizar. Havia tido uma educação clássica na Alemanha, algo relativamente inerte para o pragmatismo estadunidense que escorara todo seu sistema educacional, desde os idos de 1776, numa cadeia articuladora do ensino médio (*High School*) e o ensino superior (*colleges e universities*) visando o ensino profissionalizante e não o propedêutico. Foi Wright Mills quem primeiro chamou atenção para o pragmatismo na formação dos estadunidenses dizendo que, desde cedo, a profissionalização foi organizada nas escolas de ensino médio, e das escolas de ensino médio se irradiavam alunos para os Colleges, todos estes marcados por uma vocação de formar diretamente para as ocupações tidas e demandadas no mercado. A principal influência filosófica nessa estruturação veio, principalmente, de William James e sua corrente Pragmatista (Wright Mills, 1966).

Nesse contexto, Karl lamentava “a educação pouco prática e sem sentido” que recebera na Europa. “Cursei como aluno medíocre quatro anos de um colégio secundário europeu; e isto para ganhar dinheiro, significa muito menos do que nada, pois nossos colégios secundários, ou *gymnasium*, são muitos retrógrados quanto ao seu método de ensino.” (Kafka, 1965, p.92). A escolarização “clássica” de Karl era tida por inútil num país em que

o trabalho operacional, funcional, era valorizado e cultivado a partir de muito cedo. Este se constituía também no desenho sobre o qual se baseava Kafka para diferenciar uma Europa tradicional, carcomida por protocolos, e o novo mundo, aberto pela dinâmica expansão do capitalismo, de suas indústrias oligopólicas e setor de serviços pujante. Recepcionava-se mãos estrangeiras se fossem condicionadas ao labor diário e quase ininterrupto. Se “América” mantém a “boa” hospitalidade como um entrave, não há incertezas acerca de o trabalho ser o caminho pelo qual deveriam se converter todos os imigrantes.

Inusitadamente, nesta visão Kafka foi acompanhado do marxista revolucionário Antônio Gramsci que percebia distintamente o capitalismo europeu e estadunidense no início do século XX. Diferenciava uma Europa marcada por comportamentos econômicos parasitários e rentistas, baseados em patrimônios legados de um passado ainda feudal que era pouco afeto à ética do trabalho conforme desenhada por Benjamin Franklin. Diga-se de passagem, Franklin foi uma das fontes biográficas acessadas por Kafka no delineamento de sua América imaginada. Gramsci declarara ter encontrado na literatura sobre a América uma racionalidade que forjava todo ser humano lá vivente em um tipo destinado ao processo produtivo e alinhado à ideologia fordista da divisão do trabalho inteiramente adequada e afinada com determinada espécie de “vocação laboriosa” (Gramsci, 1978, p.313-339). Foi isso registrado em seu 22º Caderno do Cárcere, atribuído ao ano de 1934, aproximadamente duas décadas depois de Kafka ter criado sua “América”. Exagero ou não, Gramsci partilhou a visão de Kafka a respeito de diferenças razoavelmente nítidas entre o capitalismo estadunidense e o europeu.

Também inusitadamente podemos considerar o encontro de ideias entre Kafka e o liberal Max Weber quando avistaram a América, este em 1904 quando singrou o oceano em navio repleto de imigrantes. Já conhecia e valorizava os escritos de Benjamin Franklin, através do qual (e de seu “*time is Money*”) guiou-se nos meandros da sociedade americana avaliando a distinta capacidade e vocação laboriosa do americano. Perguntado pelos amigos sobre como estava escrevendo América, Kafka respondeu que admirava Walt Whitman e apreciava a biografia de Benjamin Franklin, além de “prezar muito pelos americanos por serem saudáveis e otimistas (coisa que ele não era) e que todos eles traziam um eterno sorriso nos lábios”, (Mann, 1940) algo que seria contestado pela experiência internado que esteve num sanatório junto a vários americanos carrancudos e queixosos. Ambos, ao começo e ao final, concordavam que o exílio para onde se destinava Karl Rosman era de fato um novo mundo.

A viagem de Weber para América, realizada meia década antes de Kafka escrever seu livro, ajuda a decifrar os traços mais gerais que iluminavam o mundo imaginado pelo Tcheco. A pluralidade étnica testemunhada no navio foi um dos pontos que influenciaram a visão de Weber sobre o trabalho no capitalismo moderno. Durante a travessia do atlântico, ele pôde observar uma presença de imigrantes que julgou incomum. Havia católicos e protestantes dentre italianos, boêmios, irlandeses, lituanos e outras famílias de trabalhadores que buscavam trabalho na América. Sabe-se disso porque grande parte dos imigrantes chegados pelo porto de *Ellis Island*, entre New Jersey e New York, tomavam o rumo de Chicago, a maior empregadora à época junto a New York (Hoerder, 1985). O protagonista de Kafka trava relações com pomerâneos, alemães, italianos, irlandeses, franceses e outros conterrâneos europeus.

O navio onde viajou Weber e a esposa transportou 1679 passageiros, aproximadamente 60% de imigrantes (Scaff, 2011). Muitos destes iriam se empregar nos grandes frigoríficos americanos, que já eram empresas monopólicas organizadas num truste cuja eficiência pressionava a padronização do comportamento operário. O oligopólio da indústria da carne já havia se formado nos Estados Unidos pela Armour, Swift, Wilson, Cudahy e Morris, conhecido por “Big Five” (Brody, 1964, p.34-58).

Na virada do século XIX para o XX, além de americanos brancos e negros, havia boêmios, alemães, irlandeses, lituanos, mexicanos, poloneses, russos, austríacos, eslovenos e tchecos (conterrâneos de Kafka) ocupados naqueles frigoríficos. Assim, um dos principais mecanismos de dominação sobre a força de trabalho na América residia em manter os trabalhadores isolados em seus antagonismos culturais e chantageá-los com a perda do emprego. As diferenças étnicas e religiosas, por exemplo, quando açodadas, tendiam a ser tratadas como vantagem pelo patronato, unindo ou separando trabalhadores em torno de nacionalidades e religiosidades. Aqui há dois pontos de toques com “América”, de Kafka, relativamente à pouca ou nenhuma solidariedade entre as nacionalidades e a opulência das grandes empresas como o Hotel Ocidental e o Teatro de Oklahoma.

Os contrastes da “anatomia da cidade” também chamaram atenção de Weber (tanto quanto a de Kafka), em especial, os “*tenements*” (cortiços), ocupados por famílias mais empobrecidas, localizados em “ruas absurdamente sujas, sem pavimentação”. Tais condições aparecem descritas em prosa por Kafka. Fruto desse “trabalho de campo”, em 1906 Weber diferenciou uma das formas do desenvolvimento do capitalismo na Europa e seu correspondente na América. Afirmou que “só o modo de vida metódico

das seitas ascéticas poderia legitimar e colocar um halo em torno dos impulsos econômicos ‘individuais’ do *ethos* capitalista moderno.” (Weber, 1982, p.370). Daí deixava evidente que se tratava de descobrir o *halo* que recobriu o individualismo necessário ao capitalista burguês em seu impulso de acumulação ascético.

O mundo do trabalho propriamente dito entrava perifericamente nesta equação. Ele pressupôs (com apoio estatístico) que os fundamentos ascéticos do protestantismo atingiram a todos igualmente, como uma fagulha. Mas a repressão dos instintos e a descarga de toda energia represada no trabalho não podia ser verificada entre os trabalhadores em grande escala. A tese de Weber se voltava para a formação do burguês capitalista, tipificado em Benjamin Franklin. Para Weber, a miséria da moderna sociedade capitalista não decorreria de padrões materiais de mensuração nem das condições de trabalho e menos ainda da luta de classes. Sua primeira linha de análise não era econômica nem política, mas psicológica. Kafka pensou alguma coisa que se comparasse a isso, mas fez deslizar muito material literário e estético para o caudal das experiências sociais que traduziam tanto estranhamento e alienação. Pode-se notar isso no que vivenciaram os protagonistas de “O Veredicto”, “Na Colônia Penal”, “O Processo”, “O Castelo” e “A Metamorfose”, por exemplo. Karl Rosmann, em “América”, não foi diferente.

Em vias de desembarcar, Karl perde-se no imenso navio e dá como extraviado o baú contendo seus parcos pertences. Encontra-se com um dos fogueiros, igualmente alemão, sufocado em seu miúdo quarto, irritado e bastante queixoso de um dos chefes dos maquinistas, Schubal, de nacionalidade romena, a quem acusa de maltratar marujos alemães e dar preferência aos estrangeiros. Se dispõe a ajudar Karl depois de registrar tal reclamo e receber seu jornal. Ponto óbvio e muito citado em sua relevância é o papel paterno (conflitivo no mundo kafkiano) assumido pelo fogueiro.

Vê-se nessa relação um pequeno rasgo de solidariedade que se torna supérflua uma vez na audiência com o chefe imediato Karl conhece de surpresa seu tio (senador) Edward Jacob, estando a sua espera tão logo soube de seu exílio, e é quem sumaria a situação do sobrinho. Diz ele que uma criada, Johanna Brummer, de trinta e cinco anos, seduziu-o e engravidou-se. Os pais, para evitar “prestação de alimentos ou algum outro escândalo que pudesse chegar a tocá-los de perto despediram o filho para América, equipado de modo irresponsavelmente insuficiente como bem se pode apreciar.” (Kafka, 1965, p.44). O tio é quem também evita que Karl tome lado na contenda entre o fogueiro e o romeno, e os dois saem de lá para a

mansão do tio. Era como “se já não existisse foguista algum”, (Kafka, 1965, p.53) e o tio senador substitui o marujo no papel de pai no indelével e popular conflito de Kafka com seu próprio.

Contudo, a sorte de um parente afortunado é passageira, ao estilo de um quase realismo mágico. De posse do baú, luxuosamente instalado, um amigo do tio o leva consigo para sua casa pretendendo talvez que conhecesse sua filha adolescente, Clara, cuja sedução abertamente descrita por Kafka não dobra Karl, visivelmente angustiado para retornar à casa do tio. Mas isso não é mais possível conforme lhe comunica o tio através de uma carta onde declara estar o sobrinho por sua própria sorte na América. Argumenta ele que, por questão de princípio, considerando que o Karl aceitou o convite para visitar a casa de seu amigo sem seu consentimento e, assim, se ausentou em função disso, decidiu retirar todo o apoio que ofereceu ao sobrinho. Na casa do amigo do tio também não lhe é mais acessível. Põe-se na estrada na condição de imigrante/exilado onde conhece dois outros estrangeiros, com um bilhete “de terceira classe” para São Francisco onde as “possibilidades de ganhar dinheiro são muito maiores”.

É de fato quando se torna inteiramente expropriado que Kafka converte Karl em personagem apto ao mundo do trabalho. Sem poder seguir para São Francisco ele busca abrigo numa pequena e precária hospedaria, conseguindo lugar num quarto com duas camas já ocupadas por uma dupla de imigrantes, um francês outro irlandês. Demarche e Robinson lhe contam que vão até Ramsés a procura de trabalho numa empresa transportadora que Karl descobre ser a de seu tio. Claramente Karl não tem recursos para lidar com o dueto de habilidosos estrangeiros acostumados já a viverem à margem dos bons empregos. Eles não têm pertences, dinheiro nem ocupação, o que os coloca no degrau mais baixo da escala social da classe trabalhadora. É para onde se dirige Karl não fosse a empatia da cozinheira de um grande Hotel que lhe consegue o emprego de ascensorista. Mas antes desse episódio ele quase se agrupa à dupla a caminho de Ramsés, talvez uma alusão a Ramsés II (?-1225 a.C), faraó frequentemente identificado com o Êxodo (Harder, 1985, p.82).

A separação do quase recém-constituído trio acontece porque Karl vê seus pertences no baú revirados pelos dois e dá como desaparecida uma fotografia que guarda da família. Kafka faz daquela foto a única ponte com o passado. Os apelos para reaver a fotografia são patéticos e não correspondidos. Então ele se vai para o Hotel Ocidental e lá se torna ascensorista. O trabalho requer fácil aprendizado, mas exige 12 horas ininterruptas de atividade, ou interditadas apenas quando o ascensorista

recebia algum pedido de hóspedes ou ordens do chefe. O descanso se dá num quarto com diversas e incertas camas ocupadas aleatoriamente pelos demais ascensoristas. Se alimenta no hotel e investe seu tempo de folga ajudando Teresa a fazer compras e entregar pedidos aos fornecedores, uma empregada no Hotel. A esta altura, tem consciência de que não fosse preservada sua ocupação chegaria ao que tinham chegado Demarche e Robinson. Aos poucos constitui-se a sua identidade como identidade do Hotel, um vestir a camisa do início do XX, afinal o Hotel Ocidental era um cliente importante para diversas outras empresas, o que conferia a Teresa e a Karl, seu informal ajudante, um status nas pequenas negociações feitas com os fornecedores.

A natureza geral do trabalho, ou a da falta deste, ganhou relato à parte encenado pela mãe de Teresa em desesperada busca de ocupação. Desocupada há dois dias, com a filha de cinco anos a tiracolo, a mãe percorria as ruas de Nova York esperançosa de se empregar na construção civil. No segundo dia, já sem se alimentar, cortando ruas e avenidas a pé, tentando sem sucesso abrigo num daqueles dormitórios coletivos subarrendados por empresários, descansavam aqui e acolá nas escadarias das residências. Pela manhã, Kafka as colocou na entrada de um prédio em construção onde Teresa imaginou sua mãe empregada. A mãe, puxando a filha pelo braço, começou a subir o edifício em formação parando a caminhada “numa pequena pilha de tijolos à frente da qual terminava o tapume e provavelmente o caminho” e sem se importar, sozinha “dirigiu-se diretamente para aquele monte de tijolos e, passando sobre ele, precipitou-se no vazio” (Kafka, 1965, p.161). A última lembrança que Teresa guardou de sua mãe foi a de vê-la esparramada no chão, vestida com a saia típica da Pomerânia. Sem família, Teresa vivia na América há uma década. Como Karl ela tinha 15 anos de idade.

Klaus Mann afirma em seu famoso prefácio dedicado a “América” que Kafka “mal se interessava por política” e “os problemas sociais apareciam em suas obras só indiretamente – disfarçados, transpostos para um universo remoto e misterioso” (Mann, 1967, p.10). De fato, quase nada é demonstrado ou descrito nítida e objetivamente com vibrante tom de denúncia política. Seria esta forma exatamente a que conferia eficácia literária e estética de Kafka ao tocar em profundidade problemas ainda contemporâneos do capitalismo. Para ele, por exemplo, o multiculturalismo era uma ilusão quebrada inúmeras vezes quando mostrava a dificuldade (ou impossibilidade) de os imigrantes fazerem e manterem pactos entre si. Sua certificada inspiração de Dickens parece ter repercutido em seus escritos

apenas quando servia para “momentos de terrível fraqueza” de modo que é Klaus Mann novamente quem afirma que Karl Rossmann vê-se ameaçado por perigos profundos e intrincados como o sentimento de culpa como tal, a mística maldição do Pecado Original que o persegue ao longo da viagem” (Mann, 1967, p.12). Encontramos Karl abandonado pelo tio benfeitor, errando por estradas, sem amigos nem dinheiro, diante de um país desconhecido onde cada lugar tem seus códigos, sua própria língua. Eis o exílio dentro do exílio, ou o exílio sinônimo de abandono, de pequenos e seguidos abandonos.

Curioso e relevante Kafka ter construído o exílio e um mundo do trabalho somente de imigrantes europeus brancos. Não há americanos nativos nem negros em sua narrativa. Ou, se eles existem na concepção do autor o fazem como coadjuvantes, um elenco de suporte bastante sutil na obra. A criadagem da casa do tio, os hóspedes e demais ascensoristas do Hotel Ocidental, os fornecedores visitados por Teresa e Karl. Sobre isso, escrevendo no começo da década de 1990 acerca da imigração para a América no século XX, Emmanuel Todd afirma que “a abertura da sociedade americana é bem conhecida, a ponto de bastar esquecer a dicotomia branco/negro, para se imaginar, erradamente, os Estados Unidos como um sistema universalista” (Todd, 1994, p.14). A falta ou ausência estética dessas populações não é um esquecimento, senão uma escolha cenográfica para encenar a tragédia do exílio proposital, primeiro do pai, depois do tio, em seguida de uma terra inóspita e segregada entre diferentes nacionalidades.

O exílio é um tema ao modo Kafka, embora nem tudo nele seja dito de maneira enigmática ou edípica. Um dos mais duros obstáculos na experiência do exílio e da migração internacional de forma geral é a língua, entendida aqui como idioma e costumes. Logo no início do livro, ele coloca Karl em situações absurdas, mas cujo significado possível é o estranhamento da nova linguagem, do novo lugar.

Karl busca estabilidade. Ainda surpreso e grato pela aparição do tio, vê-se parcialmente em casa antes de ser retirado daquele quase lar para uma visita ao amigo do tio, sr. Pollunder, também um novo rico na América. Vai a contragosto, no vácuo protocolar da educação europeia, convidado para conhecer a filha Clara. Lá é sobressaltado pelo extrovertido desembaraço da adolescente que o convida para seu quarto afim de ouvi-lo tocar piano. Quase espantado, opõe resistência e declara, não só por isso, preocupação com o retorno para a casa do tio. De automóvel é impossível a volta, vez que sr. Pollunder guarda o carro em estacionamento público dada a falta de garagem própria na mansão em reforma. Apela para a permanência do rapaz,

sem, contudo, mudar-lhe a ideia. Diz que poderia tomar o *subway* à meia-noite, iniciativa já desesperada e confrangida pela saída sem a devida autorização do tio. Sim, havia sido dessa forma o aceite ao convite.

O sr. Pollunder então cede à vontade devoluta de Karl, mas o pede para aproveitar o tempo que ainda lhe resta na visita se despedindo de Clara. Finalmente, entra o quarto da moça e decide tocar uma cançoneta ao piano, mentalmente calculando o tempo que lhe restava até doze batidas, o horário da partida. Ato contínuo, o noivo de Clara (sim, ele descobre que ela tem um noivo) surge do quarto ao lado, onde estava ouvindo seu repertório musical. Atônito, ouviu elogios de Mack, o que, para ele, tornava toda a situação incompreensível, aumentando-lhe o desejo de ir-se. Desde ponto em diante, despede-se de Clara e recebe a carta do tio, já relatada aqui.

Tudo ali lhe era “infamiliar”. Como estabilizar-se naquele lugar? O absurdo, em Kafka, conhecemos. Amparado por Freud pode se tornar uma boa abertura para compreendermos e explorarmos o exílio dentro do exílio. A primeira e mais adequada interpretação é esperar de tudo isso uma menção aos conflitos de Kafka com seu pai. Não havia nem bem sido acolhido e estava à deriva novamente. É um tema recorrentemente sondado em exatidão, mas com Freud pode render uma caminhada mais longa e fidal. Primeiro, seu pai, depois o tio e agora o sr. Pullunder, figuras paternas capazes de o magoar e deixa-lo numa completa ignorância sobre a razão de sua angústia. É Freud a dizer, na conclusão de seu “Infamiliar”, que “sobre a solidão, o silêncio e a escuridão, nada podemos dizer a não ser que esses são realmente os fatores ligados à angústia infantil, [a primeira, a fundante] que não desaparece por completo na maioria das pessoas” (Freud, 2020, p.115).

A experiência de destituição do lugar, da terra natal, era bastante recente, ganhava profundidade e parecia ter se enraizado no inconsciente, achando ali espaço para acalmar a rejeição, deitá-la junto a outras memórias já recalçadas. Mas não houve tempo suficiente ou necessário para fazer repousar a ferida afim de tranquilizar aquela inquietação, conforme aprendemos na psicanálise, e toda dor retomou a cena irrompendo do inconsciente, sem tradução que tornasse legível aquelas cenas. Daí o infamiliar. Daí o sentido do exílio, o encontro do estranho com ferimentos abertos e pouco ou nada elaborados. Seria também uma repetição, a aceitação sem resistências nem queixas visíveis. Deixou a Alemanha porque fora seduzido num ato com consequências imperdoáveis pelo pai. Deixou a Alemanha pacífico. Deixou a casa do tio sem protestar, não obstante seu desejo era o de manter-se junto a ele. E agora deixa a casa do sr. Pollunder sem reivindicar qualquer direito. Mas quais direitos teria ele a reivindicar?

Tem razão Davi Pimentel quando diz que os fracassos de Karl se deveram, em grande parte, “à alienação do personagem que não percebe que todo microespaço por onde passa tem a sua própria lei, conseqüentemente, a sua própria justiça, a sua própria forma de sentenciar e o seu próprio regime democrático” (Pimentel, 2018, p.81). E, de fato, Karl é expulso de quase todos os espaços por onde transita. Talvez seja aqui o melhor momento para pautar conceitualmente o sentido do exílio e suas vinculações com migração/imigração e refúgio/refugiado.

Edward Said escreveu há tempos que o exílio “é uma fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre o eu e seu verdadeiro lar: sua tristeza essencial jamais pode ser superada.” (Said, 2001, e-book) É uma descrição relativamente ajustada ao escopo do personagem de Kafka. Segue Said argumentando que a experiência do exílio consiste a esforços para superar a dor e os demais prejuízos da separação. Mas, neste ponto, Karl não corresponde a nenhum exilado cuja história pode ser contada em tom heroico como Marx, Einstein ou Freud, judeus exilados. A trajetória de Karl é ordinária, quase mesquinha, feita de pequenas batalhas no cotidiano, sem nenhum episódio glorioso. Nesse caso, Karl encorpa a escala de milhões de europeus que buscaram recomeços na América. Saiu, contudo, tocado pela família, sem guerras ou crises econômicas que o pressionassem. Eis uma diferença introduzida por Kafka.

A punição recebida por Karl não foi política, mas moral, sob o peso da inflexibilidade ética de seu pai que estendeu ao filho as conseqüências de seu modo de vida burguês. Este padrão se repetiu nas ações de Karl, talvez sem este o saber. Em evento mais grave que lhe custou o emprego de ascensorista, pagou preço caro por ter encoberto a presença inconveniente e ébria do irlandês Robinson no Hotel Ocidental a pretexto de arrastar dali o jovem alemão para uma pequena festa capitaneada por Demarche. Podia ele ter denunciado a presença inoportuna do bêbado e requerer sua retirada dali. Ao invés disso, sentiu-se envergonhado por conhece-lo e responsável por ele estar ali, escondendo-o no quarto de dormir dos ascensoristas na expectativa de que o tempo concedesse alguma melhora àquela embriaguez. Mas a ausência no elevador, mesmo que fugaz, foi notada e exemplarmente punida. A intervenção da cozinheira chefe em seu favor nada adiantou. Karl perdeu o emprego.

Ocultar Robinson equivale em menor dimensão a ocultar a participação da família Rossmann na gravidez indesejada. Karl aprendera com aquele comportamento do pai a ocultar “erros” sob o risco de se manter moralmente “limpo”, só não parecia estar consciente disso – o que mostra a

narrativa de Kafka. Tal ocultamento (tomado por uma repetição) poderia ser interpretado como ato de natureza moral encarregado ali de substituir uma lembrança cuja função educadora deixara marcas profundas no caráter do pequeno Karl. Escoro essa reflexão no texto “Recordar, Repetir, Elaborar”, escrito por Freud como parte fundamental e síntese de sua “Técnica Psicanalítica”, publicado em 1914. Neste ponto, mais do que noutros, Karl encarna o próprio Kafka relativamente ao papel assumido diante da autoridade do pai (Freud, 1996). A distância imposta no exílio é, assim, sempre relativa vez que quem se refugia o faz levando uma história dentro de si de modo que a trajetória do imigrante nunca começa na terra estrangeira, mas antes dela.

Por isso também a tentativa de deixar assimilar-se geralmente é frustrada. O que se quer é ser assimilado, mas como ser assimilado sem aparar o que lhe está em excesso, sua identidade forjada a partir de costumes que se tem em comum com a comunidade, com a região, com o país, com a família? A questão da língua faz clara a diferença que separa Karl, junto aos demais imigrantes, e os nativos. Os diversos sotaques servem para distinguir o estrangeiro do bem-nascido, o que é fartamente evidenciado por Kafka. Karl é rápido no aprendizado do inglês, mas o matiz da sonoridade estrangeira o acusa como figura divergente. Noutros aspectos ele busca passar incólume, o que não funciona.

Este não é um ponto intencionalmente sublinhado na obra, embora ele seja conduzido a um desfecho conciliador, e é a partir dele que encaminhamos o final desse artigo. Kafka inventa um lugar onde as diferenças são aceitas, senão anuladas ou atenuadas. É no último capítulo do livro, “O Grande Teatro Integral de Oklahoma”.

Nessa derradeira parte do livro o autor abre horizonte ao jovem Karl criando a possibilidade de ele perdoar-se o passado já visto com muito fardo. Karl dá de frente com propaganda recrutando trabalhadores para o espetacular e gigantesco Teatro feito da promessa de acolher qualquer pessoa com qualquer ocupação ou habilidade. Ele procura por isso. Se entusiasmo não somente porque está desempregado e não deseja ter o mesmo destino incerto e mandrião que tiveram Demarche e Robinson. Outros na situação de Karl enfileiram-se diante do cartaz: “No hipódromo de Clayton se contratará hoje desde às seis horas da manhã até a meia-noite, pessoal para o Teatro de Oklahoma!”, iniciava o chamariz (Kafka, 1965, p.291). Mas não se lia nele algo sobre o pagamento, esse o elemento mais tentador retirava o súbito interesse das pessoas que por pouco tempo se sentiam atraídas. No caso de Karl nada havia de melhor. Decide então encaminhar-se para Clayton, mais uma cidade imaginária de Kafka, para inscrever-se no Teatro.

A recrutagem aparece organizada de maneira absurda, com escritórios para ocupações e habilidades específicas alocados ao lado das casinhas de apostas do hipódromo. Antes, mulheres ornadas de anjos e sob plataformas tocam trombetas na recepção dos candidatos. Karl reconhece uma delas e rapidamente recebe boa recomendação sobre o emprego e a seriedade da empresa. Mas Karl não trás documentos pessoais nem tem nenhuma formação exceto o ensino clássico alemão que não o abona na América. Por isso não consegue ingressar na condição pretendida de engenheiro. Levado a outros escritórios ele não se enquadra, até encontrar o “Escritório de Alunos de Colégios de Ciclo Médio Europeu”. Tratava-se de uma “casinha situada na ponta mais extrema, não somente menor, porém mais baixa do que as outras” (Kafka, 1965, p.302). Era seu último refúgio e foi ali admitido sem documentos e sob o nome “Negro”, o apelido que recebera nos últimos empregos.

Admitiram-no como ator. Embarcou no trem em direção a Oklahoma em viagem que durou dois dias e duas noites. A circularidade da obra, característica de Kafka, cessa nesse ponto. De fato, é um livro inacabado. Mas sendo esta a sua forma encontramos nela a possibilidade de Karl elaborar e reelaborar as experiências vividas em sofrimento, desde o que a narrativa do livro deixa entrever, objeto de uma moral inflexível tanto quanto canalha do pai. Violado na adolescência por uma mulher mais velha, demorou a entender o significado de ter a criada o arrastado até seu quarto, deitado ao seu lado e empurrado seu ventre com Karl algumas vezes, “que se sentiu invadido pela sensação de que ela fazia parte de seu próprio ser, e talvez fosse esse o motivo do tremendo desamparo que então o embargou. Chorando, chegou finalmente a sua própria cama”, depois de ter escutado os repetidos desejos que ela manifestou de que voltassem a se ver (Kafka, 1965, p.46).

Parece não haver dúvidas de que é através de suas experiências e infortúnios que alguém como Karl se torna arguto. Há diferenças entre o Karl “deportado” pelo pai e o Karl empregado no Teatro de Oklahoma, como há igualmente pequenos aprendizados no percurso exílico de Karl. Aprende-se alguma coisa interagindo com personagens típicos como Demarche e Robinson, com a soberba do tio, com a inclemência do pai. Em “América”, Kafka permitiu que o protagonista (uma parte de si como asseveram muitos e diversos críticos) elaborasse sua experiência, não sem recuperar o senso nacional de comunidade oferecido agora pelo Teatro de Oklahoma.

Referências

- BRODY, David. **The Butcher Workmen. Study of unionization.** Harvard University Press/Cambridge, Massachusetts, 1964.
- DESPINIADIS, Costas. Kafka and The Anarchists. Na Obscured Relationship. In **The Anatomist of Power.** Franz Kafka and the critique of authority. Montreal: Black Rose Books, 2019, pp.116-132.
- FREUD, Sigmund. **O Infamiliar.** Belo Horizonte: Autêntica, 2020.
- _____. Recordar, Repetir e Elaborar. In **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.** Volume XII. Rio de Janeiro: Imago, 1996, pp.161-171.
- GRAMSCI, Antônio. Americanismo e Fordismo. In. **Obras Escolhidas.** São Paulo: Martins Fontes, 1978, pp.313-339.
- GUIMARÃES, Torrieri. Prefácio. In KAFKA, F. **América.** São Paulo: Livraria Exposição do Livro, 1965.
- HARDER, Kelsie B. **Kafka's Landscape in Amerika.** 1985. Mimeo.
- HASEC, Jaroslav. **O Bravo Soldado Schweik.** Rio de Janeiro: Teatro Carioca de Arte, 1967.
- HOERDER, Dirk (Org.) **Labor Migration in the Atlantic Economies.** The European and North American Working Classes During the Period of Industrialization. Westport, London: Greenwood Press, 1985.
- KAFKA, Franz. **A Metamorfose.** São Paulo: Mediafashion, 2016.
- _____. **América.** São Paulo: Livraria Exposição do Livro, 1965.
- MANN, Klaus. Prefácio. In KAFKA, Franz. **América.** São Paulo: Nova Época Editorial Ltda, 1967.
- PIMENTEL, D.A. *Amerika*, de Franz Kafka: de pai para filho. In **Gragoatá.** Niterói, v.23, n.45, pp.68-91, jan.-abr. 2018.
- PROCHAZKA, Willy. Kafka's Association with Jaroslav Hasek and the Czech Anarchists. **Modern Austrian Literature**, v. 11, n. 3/4, pp.275-287, 1978.
- SAID, Edward. *Reflexões sobre o Exílio e outros ensaios.* São Paulo: Cia das Letras, 2001. [e-book. Kindle Version]
- SCAFF, Lawrence. **Max Weber in America.** Princeton: Princeton University Press, 2011. Kindle Version.

TODD, Emmanuel. **O Destino dos Imigrados**. Assimilação e Segregação nas Democracias Ocidentais. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

WEBER, Max. **Ensaio de Sociologia**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1982.

WRIGHT MILLS, Charles. **Sociology and Pragmatism**. The Higher Learning in America. New York: Oxford University Press, 1966.